Cesar Miranda Ribeiro*

60 Anos da Fundação Museu da Imagem e do Som do RJ: Entre o Passado e o Futuro da Cultura Audiovisual

Em 3 de setembro de 1965, na sede original situada na Praça XV, nascia, pelas mãos do então governador do Estado da Guanabara, o jornalista Carlos Lacerda, o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, o primeiro museu do Brasil dedicado à salvaguarda, preservação e difusão dos registros sonoros e visuais da nossa cultura e história. Um marco pioneiro que antecipava, já naquela época, a importância da memória audiovisual para a identidade de um povo.

Desde sua fundação, a FMIS RJ contou com a atuação decisiva de figuras como Maurício Quadrio, seu primeiro diretor; Henrique Foréis Domingues, o lendário Almirante e maior autoridade do rádio brasileiro; e Ricardo Cravo Albin, que também dirigiu o museu, idealizou os célebres Depoimentos para a Posteridade e foi um dos grandes incentivadores da criação de museus da imagem e do som em diversos estados do país.

Atualmente, a Fundação Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (FMIS RJ) conta com duas sedes: a histórica sede da Praça XV e a sede da Lapa, que juntas abrigam núcleos essenciais de preservação e promoção da memória fluminense.

Desde então, ao longo de seis décadas, a FMIS RJ consolidou-se como protagonista em ações culturais, educativas e de preservação patrimonial. Seu acervo, que hoje chega a quase 1.000.000 de itens entre discos, fitas, filmes, documentos, fotografias e depoimentos orais, é referência nacional.

Esse acervo está organizado em 44 coleções documentais, que abrangem temáticas e suportes diversos, e guardam preciosidades da história da música, do rádio, da televisão, do cinema, do jornalismo, da fotografia e da vida social e política do Brasil. Entre as coleções de destaque estão o acervo Almirante, com registros únicos da era de ouro do rádio; a coleção Rádio Nacional, com milhares de itens sobre a mais importante rádio do país das décadas de 40 e 50; a coleção de Depoimentos para a Posteridade, composta por mais de mil entrevistas com personalidades fundamentais da cultura brasileira; além de coleções dedicadas a grandes nomes como Elizeth Cardoso, Jacob do Bandolim, Marlene, Dorival Caymmi, Nara Leão, José Wilker e tantos outros, reunindo documentos sonoros, visuais e textuais de inestimável valor histórico e artístico.

A Fundação também foi responsável pela criação de diversos projetos emblemáticos para a sociedade, como o selo MIS fonográfico, exposições históricas, documentários, ciclos de palestras, oficinas e ações itinerantes por todo o território fluminense. Em sintonia com a era digital, lançou a primeira web rádio vinculada a um museu, a Rádio MIS RJ, que inaugurou uma nova forma de difundir o acervo e ampliar o diálogo com o público por meio da música e da oralidade histórica, e está disponível 24 horas para o Brasil e com alcance em todos os continentes, em radio.mis.rj.gov.br

Mesmo em tempos de pandemia (2020–2021), a FMIS RJ deu continuidade aos Depoimentos para a Posteridade, produzindo em 2021 o primeiro depoimento totalmente online com Dirceu Rabelo, histórico locutor da TV Globo. O depoimento foi realizado de forma remota, respeitando os protocolos sanitários da época, e tornou-se símbolo do esforço da instituição em manter viva a preservação da memória oral em meio às adversidades.

Outro marco essencial foi a criação da primeira Fototeca Estadual do Rio de Janeiro, instalada na sede da Lapa, reunindo e preservando milhares de imagens que registram décadas de transformações culturais, urbanas e sociais do estado. Esse importante núcleo de memória visual integra um conjunto mais amplo de ações que continuarão sendo desenvolvidas ali. A sede da Lapa seguirá como polo acadêmico da Fundação, voltado para a cultura, a educação e a preservação da memória. Um ambiente permanente de formação, pesquisa e reflexão sobre a história do nosso povo e seus laços culturais, garantindo a continuidade da dimensão educativa da FMIS RJ.

A FMIS RJ também foi protagonista de mais um feito histórico: em 2022 realizou o primeiro Depoimento para a Posteridade interligando, por videoconferência, a sede da Praça XV e a Estação Antártica Comandante Ferraz. O depoente no Rio de Janeiro foi o Contra-Almirante (FN) José Elkfury, e a gravação aconteceu em homenagem aos 40 anos do Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR). A operação contou com o apoio técnico e logístico do também depoente, Capitão de Fragata Alessandro Gurski, então comandante da Estação. Esse registro inédito, feito entre o continente sul-americano e o continente gelado, celebrou os pioneiros da presença brasileira na Antártica e reafirmou a missão da Fundação de documentar a história do país, mesmo nos contextos mais remotos. A ação integrou as celebrações do evento organizado pela FMIS RJ, em parceria com a Marinha do Brasil e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

Agora, em 2025, às vésperas de completar 60 anos, a FMIS RJ vive um dos momentos mais significativos de sua história institucional: a entrega de sua nova sede definitiva, o MIS Copacabana. Após anos de espera e superação de entraves, o projeto finalmente se concretiza graças ao empenho do Governador Cláudio Castro, da Secretária de Estado de Cultura e Economia Criativa Danielle Barros, com suas respectivas equipes, que não mediram esforços para realizar esse sonho coletivo.

A nova sede em Copacabana será o palco de grandes exposições, experiências imersivas, tecnologia de ponta e entretenimento cultural de excelência. Um espaço moderno, inclusivo e pulsante, que convida o público a vivenciar a cultura brasileira de forma interativa e emocionante.

A luta para entregar esta obra foi, acima de tudo, a luta por um espaço digno para a cultura do nosso país. Com a força da memória e o olhar voltado para o futuro, o novo MIS Copacabana reafirma o compromisso do Estado com a preservação da história e com a promoção do acesso à cultura como um direito de todos os cidadãos.

***O autor é presidente da FMIS RJ, jornalista e radialista profissional.**

Ruy Castro*

Liturgia do conteúdo

Patrícia Alencar, prefeita da minúscula Marituba, no Pará, 37 anos, provocou sensação há dias ao postar, em seu perfil privado no Instagram, um vídeo em que aparece de biquíni creme, dançando ao som do forró "Pancada de Mulher", da dupla Xand Avião e Zé Vaqueiro. Marituba, segundo o IBGE, é o menor município do Pará e do Norte do país, mas o vídeo vazou e viralizou nas redes. Patrícia foi duramente criticada por alguns internautas: "Faça seu trabalho de prefeita e deixe essas dancinhas para vendedoras de conteúdo", bradou um deles.

O conteúdo da prefeita, no entanto, parece ter sido aprovado por grande maioria, já que seus seguidores subiram num átimo à casa do milhão. Pelas redes sociais, Patrícia se defendeu: "Quem tem luz própria, podem tentar derrubar, mas Deus não deixa cair". Apoiada por eleitor de tal peso, ela nem precisaria se justificar. Mas, com toda propriedade, acrescentou num dos programas de TV a que foi convidada: "O corpo de uma mulher incomoda mais do que a corrupção, a ineficiência e o descaso na política".

A prefeita tem razão. Em 1979, o recém-"eleito" presidente João Baptista Figueiredo posou, queimado de sol, peito nu, tênis branco, meias soquete e exígua sunga em seu retiro na Granja do Torto, em Brasília. A combinação de queimado de sol, peito nu, tênis branco, meias soquete e exígua sunga faz de qualquer esquálido uma potência. E Figueiredo era só músculos, inclusive no cérebro. Imagine os ex-presidentes Dutra, Jânio Quadros ou Castello Branco em trajes sumários -nunca um ocupante do cargo se apresentara daquele jeito. E Figueiredo seguiu impoluto no Planalto.

Ao que se saiba, o vídeo de Patrícia não a mostra dançando em seu gabinete na Prefeitura, mas no sacrossanto recesso do lar. Se Dutra, Jânio e Castello tivessem se deixado fotografar em casa, de sapatos, meias pretas e cuecas samba-canção, só mereceriam reparo estético, não litúrgico.

Afinal, fizeram coisas muito mais repulsivas em seus mandatos do que mostrar as canelas.

***Jornalista e escritor. Autor das biografias de Carmen Miranda, Garrincha e Nelson Rodrigues. Membro da Academia Brasileira de Letras**

EDITORIAL

Renda do brasileiro está atrasada 50 anos

No momento em que Brasília 'chacoalha' a República, 'atropelando' os últimos resquícios republicanos de equilíbrio fiscal – 'caçando' receitas que financiem seus programas assistencialistas, último recurso que lhe resta para manter viva a expectativa, até agora, pouco provável, de vitória eleitoral no pleito presidencial de 2026 – a renda do brasileiro continua cada vez mais distante do patamar exibido pela União Europeia.

Basta observar o descompasso entre a projeção de crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), de 2,2% para este ano, ante uma expansão da renda não superior a 1,3%, em igual período.

Com base nessa constatação, o economista, diretor-presidente da MCM Consultores e colunista econômico do Estadão, Cláudio Adilson Gonçalez calcula que seriam necessários, pelo menos, 50 anos, para que brasileiros e europeus se 'ombreassem', em termos rentistas. "Esse desempenho fraco é, principalmente, consequência do baixo crescimento da produtividade do trabalho", dispara.

Na raiz do atraso laboral tupiniquim, Gonçalez atesta: "Há vários motivos que explicam isso, mas chamo a atenção para um ponto poucas vezes mencionado: a desindustrialização precoce. Há uma profusão de trabalhos que analisam as causas da baixa produtividade da indústria manufatureira brasileira. Mas aqui estou invertendo a relação de causalidade, ou seja, meu foco é na desindustrialização como uma causa importante da baixa produtividade da economia como um todo".

Embora admita que, no processo de desenvolvimento econômico, "as manufaturas percam participação na economia, pois, conforme enriquece, a sociedade tende a consumir proporcionalmente cada vez mais serviços", o executivo alerta para "a rapidez e a precocidade da desindustrialização no Brasil".

E os números, que falam por si, também impressionam: "a preços correntes, em meados da década de 1980, as manufaturas correspondiam a cerca de 35% do valor adicionado do PIB; em 2024, dados preliminares indicam que essa participação está em torno de 14%. Ou seja, o Brasil se desindustrializou antes de sair da chamada armadilha da renda média", fulmina.

Todo amor que houver nessa vida

Dia 12 de junho é o Dia dos Namorados no calendário brasileiro. Ao contrário da grande maioria dos países do globo, que comemoram a data em 14 de fevereiro, dia de São Valentim, padroeiro dos namorados. A data visava celebrar a data do padroeiro, que foi perseguido (e posteriormente morto) após realizar casamentos clandestinos de cristãos durante o período romano. No Brasil, a data é celebrada um pouco mais tarde, mas também dentro de princípios cristãos: a data é celebrada na véspera do dia de Santo Antônio, o santo casamenteiro. Mas mesmo com a diferença de quatro meses entre uma data e outra, não tem como negar que ambas as datas (apesar da justificativa cristã) visam ser uma data comercial.

Junho é mês dos namorados, mês do Orgulho da comunidade LGBTQIA+ e o mês do doador de sangue. Apesar de aparentarem temas completamente distintos, eles têm uma coisa em comum: amor. Seja no amor romântico de namorados, em ter a liberdade e o orgulho de toda forma de amor e, voltando para a lógica cristã, o amor ao próximo ao salvar vidas.

Tanto é a conexão do amor que, muito além do amor romântico, há diversas formas de amor. Aristóteles classificou diversos nomes para cada tipo de amor. O mais clássico dessa data, eros, é aquele amor carnal, muitas vezes atrelado a algo erótico, mas muito mais do que isso. É o clássico amor romântico, ligado a paixão. O fogo ardente do começo de uma relação.

Mas para além de um cônjuge para compartilhar a vida ao lado, existe o amor dos amigos, aqueles com quem se escolhe passar a vida. Philia é o amor entre amigos, aquele baseado em admiração recíproca, além de um bem-estar mútuo. E o primeiro amor das pessoas, na teoria, é daqueles que nos amam incondicionalmente: o storgê, o amor de um pai e uma mãe com seus filhos, amor parental incondicional. Os filósofos gregos ainda tinham um nome para o amor próprio: philautia. Aquele amor voltado para si mesmo, que instiga a procura pelo autoconhecimento, a autoconfiança e a autoestima. E finalmente, o amor incondicional amplo: agape. Aquele amor altruísta, de quem visa o bem estar do outro, sem verdadeiramente esperar nada em troca.

Mas para além do momento, que neste mês de junho possamos nos permitir sentir todas as formas de amor possíveis. Mas, como diria Cazuza, buscar a "a sorte de um amor tranquilo".

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

Correio da Manhã

HÁ 95 ANOS: PAZ NA ÍNDIA DEPENDE DE MAHATMA GANDHI

As principais notícias do Correio da Manhã em 12 de junho de 1930 foram: Carol é proclamado rei pela Assembleia de Bucareste e prestou juramento sob uma das maiores popularidades que um soberano já recebeu na Romênia. Torna-se extremamente violenta a luta na China, com os nacionalistas matando 20 mil nortistas e prendendo outros 10 mil. Liberação de Ghandi está entrelaçada à paz na Índia.

HÁ 75 ANOS: CAMPANHA DE EDUARDO GOMES COMEÇA EM MINAS GERAIS

As principais notícias do Correio da Manhã em 12 de junho de 1950 foram: UDN iniciará a campanha de Eduardo Gomes em Minas Gerais e organiza comitê no Centro do Rio. Greve da rede mineira de viação entrou no 11º dia. Delegações da Hungria e da Tchecoeslováquia não vão enviar comissões para a Assembleia-Geral da Unesco. Inglaterra receosa com o Plano Schuman.

Correio da Manhã
Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.